

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Companhia Editora Nacional: Tradição Editorial e Cultura Nacional

no Brasil dos anos 30 *

Eliana de Freitas Dutra – UFMG

No Brasil dos anos 30 as iniciativas empresariais de modernização e consolidação da indústria do livro, sintetizadas de maneira exemplar pela Companhia Editora Nacional, e as estratégias utilizadas para formação de uma “cultura da leitura” integram o empreendimento de constituição de uma cultura brasileira. Nesse quadro é impossível separar a história do projeto editorial da Coleção Brasileira de uma pauta política e intelectual de re-fundação da nação, a qual será responsável pela fisionomia política do país na década de trinta.

Este trabalho, a um só tempo, pretende recuperar os nexos de um projeto intelectual - com seus desdobramentos na definição de políticas públicas do Estado Brasileiro nos anos 30, sobretudo no Estado Novo - e uma política editorial, a da Cia Editora Nacional, que vai ser responsável pela introdução de novas práticas, inovações e estratégias no campo da edição brasileira durante aqueles anos, e que serão aqui examinadas tendo como eixo a edição da Coleção Brasileira. Pretendemos destacar o papel indutor da Coleção Brasileira - publicada pela Companhia Editora Nacional a partir de 1931 e dirigida por Fernando Azevedo nos anos mais significativos de definição da sua linha editorial, qual seja até 1951, no mundo dos livros e da leitura, através da difusão de um modelo de política editorial e de uma certa pedagogia nacionalista; bem como seu papel na construção de um paradigma da identidade nacional. Como veremos a edição de livros, revistas e coleções, será considerada um componente imprescindível na política de nacionalização da cultura levada a efeito, conjuntamente, pelo Estado, intelectuais e editores no Brasil dos anos 30 e 40.

As repercussões da publicação da Coleção Brasileira na Cia. Editora Nacional e no mercado editorial brasileiro; a atuação de Fernando Azevedo à frente da coleção Brasileira, e os vínculos da Coleção com outras iniciativas pedagógicas desse intelectual; a recepção dos títulos publicados na Coleção Brasileira, entre 1931-1941, no meio intelectual ao longo dos

* Este texto foi produzido no âmbito do Projeto *Coleção Brasileira: Escritos e Leituras da Nação (1931-1941)*, apoiado pelo CNPq e pela FAPEMIG.

anos 30 e 40; o papel da Coleção na configuração de um campo intelectual no Brasil na década de trinta; as interfaces da Coleção com os patamares do conhecimento científico, as concepções e definições conceituais em vigor nos diferentes domínios do conhecimento, em particular da história, e a institucionalização de uma política científica no Brasil dos anos 30, são aspectos que têm atraído nosso interesse em torno da história projeto editorial dessa coleção.

Neste texto, as estratégias comerciais, as técnicas de propaganda, as aproximações com o Estado e o papel do editor, os quais, segundo entendemos, se integram no interior de um mesmo campo de deslocamento, serão aspectos abordados de forma a mostrar, de um lado, a construção de uma tradição editorial, de outro a sua vinculação e inserção no interior de um projeto pedagógico de afirmação da cultura nacional então na “ordem do dia”. Os pontos de contato da ação da Cia. Editora Nacional com a política estatal voltada para o nacionalismo cultural - num movimento de aproximação que pode ser explicado pela utopia da “dupla fundação” - e seus desdobramentos pragmáticos, constituem assim um dos aspectos centrais da nossa abordagem.

A Companhia Editora Nacional: Tradição Editorial.

Em um texto comemorativo assinado por Edgard Cavalheiro¹, intitulado “Pequena História de uma Grande Editora”, publicado no Estado de São Paulo em Janeiro de 1957, quando do 30º aniversário da Companhia Editora Nacional, pode-se ler que a 25 de setembro de 1925 Octales Marcondes e José Bento Monteiro Lobato registravam, na Junta Comercial de São Paulo, uma nova firma. - A Companhia Editora Nacional. Na ocasião, segundo o autor

“os ecos da rumorosa falência ainda não haviam de todo esmorecido. Sobre os escombros da “ Gráfica Editora Monteiro Lobato S/A, **nascia nova empresa destinada a prosseguir no sonho lobatiano de inundar o País de livros.** Diante do pessimismo de todos, apenas Lobato e Octales sorriam. Iniciavam o negócio com pouco dinheiro mas é verdade, mas a experiência adquirida valia milhões.[...] **E, com “ Meu Cativo entre os selvagens do Brasil, de Hans Staden, a Companhia Editora nacional, em janeiro de 1926, entrava**

¹ Edgard Cavalheiro foi um dos biógrafos de Monteiro Lobato.

no mercado.[...] A tremenda crise de 30 abalou-a, como a todos os demais negócios do País, mas o timoneiro era firme, soube manter o barco á proa, a tormenta passou, os empreendimentos iniciados prosseguiram em ritmo cada vez mais intenso.**Coleções Populares surgiram.Novos métodos de venda foram inaugurados. Milhares de, milhões de volumes inundaram as capitais, as cidades e os vilarejos do interior. O livro didático, antes feio, inestético, contrário a todas as normas pedagógicas, adquiriu feição moderna, passou a emparelhar-se, graficamente falando, aos melhores do mundo. Coleções sérias de exaustivos estudos, ou de audaciosas interpretações, abriram novas perspectivas aos nossos estudiosos.O escritor brasileiro encontrou editor que se aventurava a tiragens de 20 a 30 mil exemplares.[...] E ao lado dos originais brasileiros o mercado de traduções, até então praticamente nulo, ganhou impulsos insuspeitados.Os métodos comerciais eram os mais modernos - e a experiências com a venda de livros a prestações foram iniciadas.”²**

Este texto, certamente especialmente preparado para divulgação na ocasião das comemorações, e que teve algumas de suas partes reproduzidas em vários importantes periódicos do país, resume, com extrema fidelidade a trajetória editorial da Nacional, não obstante o seu tom apologético.De fato a experiência anterior de Lobato remontava aos seus anos de editor/ proprietário da famosa Revista do Brasil e da Monteiro Lobato & Cia., depois Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato, na qual tinha como associado ninguém menos que Octales Marcondes Ferreira. O seu empenho e ousadia em revolucionar o “comércio de inteligência”, qual seja, o mercado dos livros, o levou, como já foi amplamente constado, a realizar vultosos investimentos na importação de máquinas e equipamentos dos mais modernos à época, os quais o conduziram à bancarrota, juntamente com seu sócio, desde 1919, Octales Marcondes Ferreira. Depois da liquidação da sua companhia em 1925, conseguem ambos comprar em 1926 o acervo da sua antiga companhia, quando então fundam a Cia. Editora Nacional, Desde aquela ocasião o escritor e seu sócio revolucionaram as

² CALHEIRO, Edgard. “Pequena História de uma Grande Editora”.**Estado de São Paulo**, 28 de janeiro de 1957.

práticas da edição e da comercialização de livros no Brasil, buscando ampliar o público leitor e, para isso, transformando o livro em uma mercadoria atraente, vendável e rentável.³

É fato atestado pelos estudiosos da história do livro e da leitura no Brasil que o Brasil, dos anos 20, não oferecia as melhores condições para a indústria do livro: país de poucos leitores; oficinas tipográficas antiquadas e sem a tecnologia suficiente para a edição de livros; baixo investimento no ramo das edições; alto preço dos livros; circulação restrita; edições pouco atraentes, pouca publicidade.⁴ Lobato e Octales vão fazer história alterando drasticamente essas condições que imperavam então à época, as quais seriam traduzidas 30 anos mais tarde pelo seguinte comentário:

“Até então não tínhamos um editor verdadeiramente nacional. Éramos uma Nação sem leitores e sem oficinas tipográficas, e os raros intelectuais que conseguiam aparecer, mandavam seus originais para Portugal. O Garnier, Briguiet, Garraux, que imprimiam suas edições em Paris, e também em Lisboa ou no Porto, estavam desde o fim do século em franca decadência, seus lançamentos se espacejavam cada vez mais.[...].Sem a possibilidade de se imprimirem, os escritores se retraíam, caindo a produção brasileira em estado de lastimável pasmaceira.”⁵

Quando a Nacional é fundada em 1926, os dois sócios já haviam vivido uma aventura editorial inédita, nos anais da história da indústria do livro e do comércio livreiro no Brasil das primeiras décadas do século XX, em que a atividade editorial ainda era considerada de risco. De um lado o investimento no maquinário, como o monotipo, o primeiro do Brasil, e inúmeros linotipos e prelos dão a medida das inovações tecnológicas de um parque gráfico equipado - ainda que, como confessa Lobato a seu amigo Godofredo Rangel, “em prestações

³ Ver HALLEWELL, Laurence. Op. cit.p.235-266.Também DE LUCA, Tânia. **A Revista do Brasil.Um Diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo, Ed. UNESP,1999; BEDA, Ephrain de Figueiredo.**Octales Marcondes Ferreira; Formação e Atuação do Editor**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 1987; AZEVEDO, Carmem CAMARGOS, Márcia; SACHETTA, Wladimir. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. São Paulo:Ed.SENAC, 1997

⁴ Ver HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 235-266. Também DE LUCA, Tânia. **A Revista do Brasil. Um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo, Ed. UNESP, 1999; LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da Leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996. TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas: Do Projeto Pedagógico ao Projeto Editorial (1931-1981)**. São Paulo: Tese de Doutoramento. PUC/SP; DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **Rebeldes Literários da República. História e Identidade Nacional no Almanaque Brasileiro Garnier. 1903-1914**.Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2005 (prelo); entre outros.

⁵ CAVALHEIRO, Edgard.Op. cit.

mensais”⁶. Afinal são essas máquinas que vão assegurar a impressão eficiente, e de boa qualidade, de livros coloridos, de cores berrantes e chamativas, e das capas ilustradas por jovens artistas de talento a exemplo de Anita Malfati, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti e outros, destinados a cativar os leitores e a quebrar a “monotonia” habitual do precário e antiquado padrão de edição até então vigente no Brasil⁷.

De outro, novos métodos comerciais que incluíam a venda de livros em açougues, lojas de ferramenta, bazares, farmácias, bancas de jornal, papelarias da capital e do interior, de forma a alcançar o leitor nos lugares nos lugares em que ele pudesse estar⁸; o lançamento de novos autores, com o pagamento adequado dos direitos autorais; e o investimento em publicidade nos jornais⁹ e, acreditamos, também no rádio, prática que se dissemina à época.¹⁰ Esta nova postura comercial, que fez com que a Monteiro Lobato & Companhia crescesse “transformando-se dentro de poucos anos numa empresa que lidava com milhares de volumes e muitos contos de réis” é sintetizada pelo próprio Monteiro Lobato ao dizer “faço livros e vendo-os, exatamente o negócio do que faz vassouras e vende-as, do que faz chouriço e vende-os”.¹¹ Esta frase de Lobato é exemplar de uma nova atitude que ilustra os avanços do capitalismo de edição no Brasil dos anos 30. Junto com os investimentos tecnológicos e os novos métodos comerciais veio o gradativo desaparecimento da atividade de antigos artífices impressores, os quais assinavam por seus trabalhos, dando lugar a uma impressão anônima, nas empresas comerciais de impressão. A Nacional, nesse particular foi também pioneira na separação do trabalho gráfico do trabalho de edição. Sua história, portanto, é reveladora da forma como se deram o surto editorial e a modernização do parque de edições que o Brasil conheceu naqueles anos.

⁶ Ver Carta de Lobato a Godofredo Rangel. 10/05/1924 In: LOBATO, Monteiro. Cartas Escolhidas. In: **Obras Completas** São Paulo: Brasiliense.. Vols. 16 e 17, tomos I, II, 1958

⁷ Ver HALLEWELL, Laurence. Op. cit. 250-252; AZEVEDO, Carmem I; CAMARGOS, Márcia; SACHETTA, Wladimir, Op. cit. P. 130-131

⁸ LOBATO, Monteiro. Cartas e Entrevistas. In: **Obras Completas** São Paulo Brasiliense. Vols 15, p. 190 –255.

⁹ Ver HALLEWELL, Laurence, op. Cit. p.250.

¹⁰ Sobre isto ver Carta de Vicente Licínio Cardoso à Fernando de Azevedo. 29/11/1925. In: Arquivo Fernando Azevedo. Correspondência Passiva. IEB, USP.

¹¹ Cf. DE LUCA, Tânia, op. cit, p. 68

A criação da Companhia Editora Nacional não apenas vai se beneficiar dessa inovadora experiência acumulada pelos dois sócios no empreendimento anterior, como vai ser herdeira de um projeto, de inspiração iluminista, acalentado por setores da intelectualidade republicana brasileira dos anos 10 e 20, dos quais Lobato foi parte integrante, e que convencidos de que o país além de pouco alfabetizado era “alérgico aos livros”, contavam em civilizar a nação, através do poder pedagógico e transformador dos livros.

Para “inundar o país de livros” como queria Monteiro Lobato, a Companhia Editora Nacional vai se valer de uma fórmula editorial de grande sucesso que marcou a paisagem editorial oitocentista francesa, expandindo-se da França para o mundo: as coleções. No caso francês essa prática editorial teria se originado de forte concorrência entre os editores, que buscavam ampliar o número de leitores, cativando-os com variados recursos. “Através dela o livro foi editado, em maior escala e com menores preços, tendo como alvos públicos especiais, o que implicou numa segmentação do mercado da leitura. O que significa dizer que “livros diferentes passaram a ser editados para categorias de leitores diferentes: sejam jovens, mulheres, crianças, viajantes, profissionais”¹², o que acabou por imprimir grande vitalidade à produção e ao comércio de livros.

As coleções foram uma expressão material da política de popularização da leitura, e também da especialização profissional e divisão de trabalho no campo editorial, uma vez que demandava políticas de acervos editoriais e reforçava o papel estratégico do editor, que se tornava um especialista responsável tanto pela definição de um perfil, ao decidir pelo critério de reunião, ou de seleção das obras, de uma coleção – seja pelas compilações de autores sobre um mesmo tema; em obras de um mesmo gênero ou destinação reunidas em série, ou, compartilhando traços materiais uniformes, como cor, logotipo tamanho - quanto pelo direcionamento da atuação da editora para determinadas faixas do mercado de livros.

Nesse espírito, ao longo dos anos 30 ganham forma na Nacional as coleções e séries, a exemplo da Biblioteca das Moças; Biblioteca do Espírito Moderno; Biblioteca Pedagógica, Coleção Terramarear; Para Todos; Atualidades Pedagógicas; Iniciação Científica; Literatura Infantil; Livros Didáticos, e várias outras, lançadas pela Companhia, dentre elas a Coleção Brasileira. Na ocasião da comemoração dos 30 anos da Nacional, quando a editora disponibiliza à imprensa os indicadores numéricos que demonstram que o seu advento teria fundado uma nova realidade para o mercado de livros no Brasil, as coleções tiveram um

¹² Ver DUTRA, Eliana de Freitas. A Nação nos Livros: A Biblioteca Ideal na Coleção Brasileira In: Política, Nação e Edição. O Lugar dos Impressos na Construção da Vida Política. **Atas de Colóquio**. (Prelo).

destaque todo especial no espaço que importantes periódicos do período dedicaram aos feitos da Companhia Editora Nacional.

“Setenta milhões de volumes publicados”¹³ é a manchete que vai se repetir, acrescida de dados significativos que dão conta aos leitores de que esses milhares de volumes compreenderiam “14.300 edições relativas a 2416 títulos”¹⁴, sendo 2416 títulos novos, 1014 publicados na série didática, 293 volumes “sobre o Brasil” na coleção Brasileira, 200 títulos na coleção Espírito Moderno - nas suas séries de literatura ciência, história, biografia - ; 168 na Biblioteca das Moças, 82 na coleção juvenil Terramarear, 60 na coleção Para Todos, 68 na Atualidades Pedagógicas, 25 na Iniciação Científica, 48 de poesias, dentre vários outros. Estes lançamentos teriam consumido 9 mil toneladas de papel e a quantia de trezentos milhões de cruzeiros, dos quais sessenta milhões de cruzeiros pagos a direitos autorais, números nunca dantes alcançados na empresa do livro no Brasil.

A divulgação desses números é, inequivocamente, parte da publicidade da empresa, e esse investimento publicitário vai se estender à instituição de três prêmios literários para marcar a efeméride da Nacional: o prêmio Monteiro Lobato que, em tributo ao escritor, se destinava ao melhor livro de contos ou romance inédito; o prêmio Indalice Marcondes Ferreira – em homenagem à mulher de Octalles Marcondes Ferreira – destinado ao melhor estudo sociológico sobre a família brasileira; e o prêmio Brasileira, que se propunha premiar uma obra inédita, na forma de ensaio, monografia ou biografia, sobre assunto brasileiro, o qual receberá um maior destaque por parte da imprensa. Afinal, a Coleção Brasileira - fundada em 1931, por Fernando Azevedo, sob os auspícios Octales Marcondes Ferreira, proprietário da Cia. Editora - foi, sem dúvida, um dos maiores empreendimentos editoriais da Nacional, destinado a reunir um conhecimento sistemático sobre o Brasil, ainda hoje sem equivalente na história da edição do país.

Projetada como uma subsérie da famosa “**Biblioteca Pedagógica Brasileira**”, a Brasileira foi concebida por Fernando de Azevedo e por ele dirigida até 1946, tendo sido lançada, como nos lembra Hallewell¹⁵, em simultaneidade com a criação do novo Ministério da Educação e Saúde, sob a batuta de Francisco Campos. Surgida num contexto, como já bem

¹³ Ver **BIL Bibliografia e Informações para Leitores**. Ano I, Janeiro de 1957, n. 4. In: Álbum de Recortes da Cia Editora Nacional. Na realidade as informações da imprensa se referem ora a 70.000, ora a 72.000 volumes. Sobre os 30 anos da Nacional ver **Folha da Noite**, São Paulo (24/01/57); **Correio Paulistano**; São Paulo, (26 e 27/01/57); **Correio do Povo**, Porto Alegre, (23/01/57); **Ultima Hora**, São Paulo (24/01/57); **O Estado de São Paulo**, Sp. (19/01/57 e 26/01/57); **O Diário Popular**, SP (28/01/57); **Correio Paulistano**, SP, 29/01/57; **Diário Popular**, SP, 09/02/57; **Ultima Hora**, SP, 01/02/57; **A Gazeta**, SP, 01/02/57; **Folha da Noite**, Sp, 01/02/57; **Diário da Noite**, SP, 02/02/57.; **Folha de Minas**, Belo Horizonte, MG, 8/2/57

¹⁴ Idem

¹⁵ HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil. (Sua História)**, São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 1985, p. 300.

assinalado por Maria Rita Toledo, em que “se depositavam na escola e no professor, bem como no livro, as missões de nacionalizar a cultura brasileira pela conquista de um público leitor para a literatura nacional, de instrumentalização de uma escola remodelada em prol da civilização e de produzir uma nova opinião pública sobre a política e a cultura nacional”¹⁶ é que a Biblioteca Pedagógica foi planejada em 05 sub-séries: **Literatura Infantil; Livros Didáticos; Atualidades Pedagógicas; Iniciação Científica** e a **Brasiliana**. A sub-série de literatura infantil notabilizou-se pela publicação de alguns livros infantis de Monteiro Lobato e pelas adaptações de clássicos da literatura infantil universal realizadas pelo próprio Lobato. Já a série iniciação científica esteve voltada para a divulgação, e vulgarização da ciência; enquanto a de livros didáticos foi direcionada para a produção de uma nova literatura escolar, o que foi feito da através de encomendas - com um novo padrão técnico e pedagógico - de livros específicos para a coleção, algo inédito para o cenário editorial do país daqueles anos país¹⁷. Por sua vez, a série atualidades pedagógicas foi pensada como suporte à formação profissional de professores e pedagogos, educadores. As séries Atualidades Pedagógicas e Iniciação Científica, nos lembra Maria Rita Toledo¹⁸, tiveram programas editoriais flexíveis, os quais se relacionavam, ocorrendo que títulos programados para uma fossem publicados na outra. Dentro desse conjunto a **Coleção Brasiliana** constituiu a **quinta série da Biblioteca Pedagógica** e, como veremos vai ser sujeito e objeto das grandes inovações introduzidas pela Nacional no mercado de livros, assim como as demais séries integrantes dessa famosa biblioteca. Essas inovações que incluindo estratégias mercadológicas e técnicas, serão parte integrante de um empreendimento a um só tempo editorial, intelectual e político.

Inovações técnicas e cultura da leitura:

A consolidação da tradição a serviço de uma pedagogia da nacionalidade

No catálogo de 1933 da Companhia Editora Nacional, a Biblioteca Pedagógica Brasileira é apresentada aos livreiros e leitores através de uma carta, na qual se afirma que a sua organização se deu

¹⁶ TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas: Do Projeto Pedagógico ao Projeto Editorial (1931-1981)**. São Paulo: Tese de Doutorado. PUC/S.P, p. 59

¹⁷ Cf. PONTES. Heloísa. Retratos do Brasil: Editores, Editoras, e Coleções Brasiliana nas Décadas de 40 e 50. In: MICELLI, Sérgio. (Org.).

¹⁸ TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas: Do Projeto Pedagógico ao Projeto Editorial (1931-1981)**. op. 222.

“segundo o plano e a responsabilidade técnica de Fernando de Azevedo.[...] distribuída em cinco séries fundamentais, a qual submetemos à sua apreciação. Animada dos propósitos de contribuir para a renovação e o desenvolvimento de obras de literatura infantil, aplicação didática, orientação profissional de professores, iniciação científica e sobre problemas e assuntos nacionais, dispôs-se a tomar a iniciativa desse **programa de cultura**, de tão vastas proporções e tão grande alcance, na certeza de que **não faltarão, para apoiá-la, a simpatia e o estímulo de todos os educadores**”.¹⁹

Esta apresentação é precedida de uma nota de alerta aos colégios particulares e escolas públicas afirmando que, caso solicitados, a Companhia Editora Nacional enviaria gratuitamente um exemplar de qualquer dos livros escolares incluídos no catálogo, para que pudessem ser examinados pelos professores ou colégios que desejassem adotá-los.²⁰ Tendo informado aos mediadores do seu público potencial da existência e dos objetivos da Biblioteca Pedagógica, a Nacional - preocupada em assegurar o êxito da sua coleção e os seus interesses comerciais - informa-os de uma resolução tomada no âmbito da editora, pela qual a partir de janeiro de 1932, instituiria uma política de donativos que constaria de: exemplares de obras didáticas para os alunos pobres, de classes superiores ou primárias, num total de até 15% sobre o total de alunos que tiverem adquirido livros editados pela Cia. Editora Nacional e devidamente aprovados; ou obras de literatura infantil (até 5 por classe) para prêmio aos alunos das classes primárias em que forem adotados os nossos livros .Esses livros seriam fornecidos gratuitamente pela Companhia Editora Nacional e remetidos por conta das escolas que, juntamente com o pedido à companhia, enviaria, para o transporte, as respectivas importâncias calculadas em 200 réis para cada livro.Junto com essas comunicações a Companhia Editora Nacional solicitava aos destinatários do catálogo “a gentileza de examinar essa iniciativa em benefício da educação popular, no Brasil, e comunicá-la aos professores dos estabelecimentos sob a sua direção”, não sem antes acrescentar o anúncio das obras já contratadas, e prestes a sair, para a 2a série da Biblioteca Pedagógica - Livros Didáticos - e para a 3a série.- a Atualidades Pedagógicas.²¹

¹⁹ **Catálogo de Livros Escolares. 1933-1937.** Companhia Editora Nacional.São Paulo, 1933.

²⁰ Idem, p. 2

²¹ idem, p. 23

Portanto concebida no interior de uma iniciativa de cunho pedagógico e definida como um instrumento de cultura, a Biblioteca Pedagógica, da qual fez parte a Coleção Brasileira, desde o seu início, integrou um projeto editorial de natureza bastante específica e particular, na qual uma nova relação com a produção e comercialização dos livros, não só acompanhou de perto, como se integrou a uma verdadeira cruzada pedagógica e nacionalista, pautada na educação pelos livros e na crença, tal como a de Monteiro Lobato, de que “uma Nação se faz com homens e livros”.

Dessa forma, as iniciativas pedagógicas coladas na política de coleções da Nacional, visavam remodelar a educação pública no Brasil, com seus métodos de ensino e as novas epistemologias do conhecimento, tal como pode ser empreendido nos textos que acompanham os catálogos de lançamento das novidades editoriais do ano, como veremos à frente.

Assim, sempre conciliando os interesses utilitários e pedagógicos, o catálogo dos livros escolares da Nacional em 1936²² reserva espaço importante para ensinar aos professores e diretores dos estabelecimentos escolares - o público alvo do catálogo – como escolher o melhor livro didático. Dizendo querer facilitar a tarefa dessa escolha, a Companhia prepara o que diz ser um “guia” que indica os requisitos essenciais quanto à substância, a forma e o método, nos quais, se valendo da autoridade do professor Sampaio Dória, elenca prioritariamente, a exatidão da matéria tratada e a sua atualidade; a clareza da exposição, cujo conteúdo acessível responderia pela boa influência na mentalidade e caráter do aluno, despertando-lhe ainda o gosto e o hábito da leitura; a correção da linguagem, voltada ao aprendizado e bom uso da língua nacional a didaticidade no desenvolvimento dos assuntos, de forma a disciplinar o fenômeno do conhecimento; a perfeição tipográfica, ou seja a saúde visual da obra; e a boa cartonagem, capaz de assegurar a boa duração do livro.

Em todos os aspectos lembrados é visível a adoção de uma postura editorial, marcada por um claro profissionalismo, cujo único precedente ensaiado no mercado de livros do Brasil foi a Monteiro Lobato e Cia. Na linha de continuidade e aperfeiçoamento das inovações experimentadas naquela ocasião, é que devem ser compreendidos os cuidados tomados pela Nacional quanto à elaboração, composição, montagem, impressão, enfim a editoração dos livros didáticos, os quais são revelados ao público como forma de demonstração de uma nova consciência pedagógica quanto ao papel do livro e da leitura, mas também do caráter moderno e progressista da editora. O que não deixa de ser uma boa estratégia mercadológica. Essa

²². **Catálogo de Livros Escolares**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1936.

consciência didática é o que orienta no catálogo dos livros escolares o receituário de escolha dos livros didáticos.

Assim, a importância do método no tratamento dos assuntos, acima mencionada, é acrescida de uma certa ênfase teórica sobre aspectos pedagógicos em que são ressaltados certos princípios como o da adequação da exposição à inteligência dos leitores, guardando uma ordem que atendesse suas necessidades, interesses e peculiaridade, dentre os quais a idade; o cuidado com a passagem do concreto para o abstrato, de forma a tornar o texto mais atraente, a captar a atenção e empolgar a leitura. Recomenda-se, no caso dos livros infantis, antes uma “ordem psicológica” que uma “ordem lógica”, e a profusão de ilustrações. Estas são objeto de atenção especial da Nacional que, preocupada com a importância do aspecto material dos seus livros, faz questão de distinguir tecnicamente o papel da *ilustração* nos livros de literatura infantil, daquela dos manuais e compêndios. Nos primeiros ela deveria ser ornamental, decorativa, capaz de “falar à imaginação infantil”, no segundo elucidativa, devendo constituir-se, preferencialmente de gráficos e esquemas, de forma a objetivar esclarecer “o desenvolvimento do raciocínio no texto”. Ambas, no entanto deveriam ser claras e ter assegurada a sua boa impressão. Este último aspecto, no catálogo é remetido ao *trabalho tipográfico e à cartonagem*, de fundamental importância no aspecto material dos livros escolares.

A Nacional vai invocar as primorosas edições estrangeiras do livro didático na América do Norte, Alemanha, Inglaterra, Itália, e Japão; vai definir o conceito de “perfeição tipográfica”, como “o conjunto de qualidades que permitem o estudo sem cansaço visual”. Para se atingir essa perfeição se descreve o *tipo de papel* a ser utilizado, branco ou amarelado, sempre sem luz para evitar o reflexo da luz; os *tipos*, de tamanho médio, pois os grandes encareceriam o livro, e os pequenos dificultariam a leitura; a *distância* entre as linhas, para facilitar a leitura.

A cartonagem, por sua vez, é objeto de uma exposição minuciosa que informa o leitor do catálogo sobre o apuro técnico exigido na fabricação do livro de boa qualidade, e suas implicações, dando-lhe a ver a forma dos livros, remetendo-lhe à sua experiência anterior de leitor acostumado com um padrão dos livros até então fabricado no Brasil, o qual a Nacional quer superar, informando-o, de forma compartilhada, das modernas características tipográficas, levando-o à uma sensação quase tátil com os livros, e a reconhecer, distinguindo, o bom produto gráfico do ruim. Dela se diz:

“Da boa cartonagem depende a duração dos livros didáticos que se destinam ao manuseio continuado ao menos por

um ano inteiro, precisam ser fortes. Acontece, entretanto que se fizerem excepcionalmente sólidos, tornar-se-ão demasiadamente caros. O justo será um termo médio que permita serem duráveis e ao mesmo tempo acessíveis às bolsas do estudante. O livro bem cartonado se conhece pelo simples aspecto: as capas são espessas e possuem certa elasticidade que as faz voltar à posição primitiva quando ligeiramente encurvadas com os dedos. As capas dos livros feitos com material ordinário não resistem a essa prova, ou quebram-se ou ficam encurvadas. As lombadas do livro bem feito são firmes: abrindo-se e fechando-se o volume, os cadernos que constituem se projetam para fora.

Os cadernos devem ser costurados firmemente a uma tira de pano, que acompanhe a lombada e segure as capas e não presas somente por dois pequenos cadarços que não oferecem segurança. Os livros cartonados segundo o primeiro desses processos, apresentam, no lado interno das capas uma saliência longa e paralela à lombada, ao passo que nos que obedecem ao segundo método só se notam duas saliências curtas e estreitas, perpendiculares à lombada. As capas devem ser cobertas de papel forte e acetinado e nunca com papel áspero porquanto este, ao atrito das mãos, se esfarela”²³.

Nestas indicações a Nacional elabora sua auto-representação de empresa moderna, técnica, eficiente e socialmente responsável, traçando o melhor retrato possível dos seus produtos editoriais, não deixando de acrescentar, páginas à frente, um adendo sobre o preço, o qual deveria ser “módico”, nunca excedendo o razoável. Nestas questões se entrelaçam as problemáticas da edição e da leitura. Um empreendimento do porte da Biblioteca Pedagógica, e suas respectivas coleções, certamente esteve também ancorado na certeza de produzir uma crença no valor do produto, no caso o livro, e, pela leitura das obras constituir e, ou, atender, um horizonte de expectativas de e para os leitores. Afinal autores e editores sabem que os livros e as leituras atendem às necessidades de informação e formação, funcionam como canais de divulgação, de reflexão, de difusão de estilos, de formação de opinião. E a edição é uma prática que tem um lugar determinante nas instâncias de legitimação cultural. Daí que

²³ Idem, p.4

também o papel do editor merece uma atenção especial, na medida em que ele, enquanto um “mestre de obras” intelectual tem um poder que não se restringe a difundir idéias, mas também de definir o que deve ser lido; de escolher os suportes materiais da leitura; de provocar diferentes sensações no contato físico com os livros; de tentar induzir determinados efeitos da leitura no pensamento e nas sensibilidades. Isto não significa dizer que os editores são capazes de ter um controle efetivo sobre o ato de ler e a recepção da leitura. Admiti-lo seria desconhecer toda uma contribuição sobre a história da leitura e da recepção que têm problematizado o papel do leitor e sua presença decisiva na apropriação da leitura, as interferências recíprocas entre autor e leitor, as implicações das diferentes práticas de leitura e os limites dos protocolos de leitura.²⁴

Nesse ponto nos convém invocar a contribuição de especialistas na história do livro e da leitura²⁵, os quais, seja na perspectiva da história intelectual, da história cultural ou de uma sociologia da cultura, têm problematizado, e polemizado, acerca do poder do livro e da leitura; dos sentidos produzidos pela leitura; dos códigos narrativos utilizados; das formas recepção do escrito; dos dispositivos de autores e editores na produção do texto e na produção tipográfica do livro; dos circuitos de comunicação, etc. Para o que nos interessa aqui, queremos destacar as estratégias editoriais da Nacional que os seus catálogos, entre outros documentos da Companhia, nos permitem ler.

Em outro ponto do catálogo²⁶, a Nacional insere, em texto à parte, uma recomendação contra o uso de livros de segunda mão. Este hábito é apresentado como sendo uma “enganadora vantagem”, e portador de inúmeros prejuízos, que vão da precariedade do suporte material do livro, cujas más condições de conservação implicariam ainda na sua efêmera duração; passariam pela desatualização da obra adquirida, que, via de regra, seria uma “edição velha cheia de erros, veículo de idéias e noções antigas”; aos problemas de higiene e os riscos de contaminação de doenças. Nesse ponto a Companhia Editora Nacional

²⁴ Sobre isto ver COMPAGNON, Antoine. O Leitor. In: **O Demônio da Teoria. Literatura e Senso Comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001; CHARTIER, Roger (dir) **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

²⁵ À exemplo de CHARTIER, Roger. **Lectures et Lecteurs dans la France d’Ancien Régime**. Paris: Seuil, 1987; CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. DIFEL, Lisboa, Bertrand, Rio de Janeiro: 1990; CHARTIER, Roger. **Culture Écrit et société**. Paris: Albain Michel, 1996. CHARTIER, Roger. Do Livro à Leitura. IN: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, DARTON, Robert. A Palavra Impressa. O que é a História dos Livros? IN: **O Beijos de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990; GOULEMOT, Jean-Marie. Da Leitura como Produção de Sentidos. IN: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; entre outros, e também de autores como BOURDIEU, Pierre, **Choses Dites**. Paris: Minuit, 1987; BOURDIEU, Pierre, Debate com Roger Chartier. A leitura: uma Prática Cultural. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.231-253.

²⁶ **Catálogo de Livros Escolares**. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1936, p. 95.

apela à sua marca comercial mais inovadora, quais sejam as coleções, para alertar leitores e compradores de que “os livros velhos têm, para substituir-lhes a utilidade e beleza, ricas coleções de micróbios, que poderão invadir o organismo do estudante desprevenido, causando-lhe moléstias graves e benignas, desde a tuberculose até as simples erupções cutâneas. Contrapondo-se ao produto comercial vendido pela Nacional, qual seja livros atraentes, úteis e de qualidade, o catálogo adverte que o livro adquirido em segunda mão seria “um objeto pouco útil, feio e porco”, e conclama o leitor a adquirir apenas livros novos, ou seja as edições modernas e baratas da Companhia Editora Nacional, principalmente as pedagógicas e didáticas.

Nesta linha de cuidados com o leitor presumido, o “guia” dos livros didáticos traz também os “dez mandamentos do bom leitor”²⁷ no qual se traça o perfil de um leitor ideal, como se segue:

1. Amarás os bons livros;
2. Não dirás mal de uma obra que te desagradou, pois não existe livro tão ruim que não tenha algo de aproveitável;
3. Santificarás teus dias e tuas horas de lazer com a leitura dos livros úteis
4. Honrarás os grandes mestres do passado; aqueles cujas obras magníficas ajudaram a formar a tua alma e a dos teus maiores;
5. Não matarás teu tempo com as leituras inúteis ou prejudiciais a teu espírito;
6. Não maltratarás os teus livros;
7. Não roubarás às boas leituras honras de descanso;
8. Não julgarás mal o livro que não tenhas compreendido;
9. Não empestarás nem pedirás emprestado os bons livros. Se os desejas, compra-os, pois assim terás prestado um benefício àqueles que os escreveram;
10. Não cobiçarás os livros alheios.

Também nesses mandamentos o interesse comercial, da venda de livros, se alia à perspectiva pedagógica da Companhia Editora Nacional e do diretor da Biblioteca Pedagógica, Fernando Azevedo. Essa perspectiva, não descuida do respeito à autoridade do

²⁷ Idem. p. 5

conhecimento e do papel condutor do mestre. Ambas se compõem com o objetivo de se assegurar na Nacional uma tradição, aliás, uma dupla tradição. De um lado uma tradição editorial no mercado de livros, marcada por um padrão técnico, mercadológico e pedagógico, o qual fez com que seus livros se equiparassem ao que de melhor havia na ocasião no mercado internacional e se tornassem uma referência para a atividade editorial brasileira de então.

De outro, a tradição de um nacionalismo cultural, em que o trabalho editorial da Nacional vai ser reivindicado como um trabalho engajado na formação de uma cultura brasileira e na educação do povo da nação. No âmbito da realidade política e dos projetos em curso no Brasil dos anos 30, que buscavam a redefinição da nação brasileira, a cultura era inseparável da educação, por isso mesmo foi um empreendimento pedagógico, e a ação da Nacional tem que ser compreendida como parte de uma pedagogia da nacionalidade. Essa tradição foi amplamente reconhecida pela intelectualidade, pela imprensa, por editores, homens de livro, políticos e membros da administração federal, em diferentes ocasiões, em particular no caso da Brasileira, ao longo dos anos 30, e quando a Coleção completou dez anos, em 1941. Também quando a Nacional completou 30 anos de atividades. Nesta ocasião a editora foi qualificada de

“**o maior monumento em língua portuguesa** pois, nem no resto do Brasil, ou em Portugal, se encontra o que lhe possa superar.[...] Assim sendo, se na **história da cultura brasileira** figura elemento ímpar no seu desenvolvimento, sem dúvida recai sobre a Editora esta primazia pelo extraordinário serviço que presta em todos os setores intelectuais, ficção, ciência ou arte.”²⁸

Nas homenagens prestadas ao editor Octales Marcondes Ferreira na ocasião, reivindica-se para o editor as devidas homenagens da nação, através do reconhecimento do Estado, pelos serviços prestados à cultura brasileira²⁹ e também à educação no Brasil, sobretudo pelo seu empenho na publicação de livros didáticos, com “ínfima margem de lucros”, sem a qual seria proibitiva a educação no país.³⁰ Também é ressaltada e saudada a orientação com que Octales presidia suas coleções, em particular a Brasileira, e o número de

²⁸ J. F. Octales Marcondes Ferreira e a Editora Nacional. **O Paulistano**. São Paulo, SP, 26/01/57. In: Álbum de Recortes da Cia Editora Nacional.

²⁹ SCANTIMBURGO, João. Homenagem ao Editor. **Correio Paulistano**. São Paulo, SP, 27/01/57

³⁰ Ver J.F. Octales Marcondes Ferreira e a Nacional, op. cit

livros e autores publicados foram itens lembrados no rol de serviços prestados pelo editor à cultura nacional.

Aqui convém abrir um parêntesis para reafirmar que a existência nos anos 30, de um projeto nacionalista para o Brasil pressupunha certas condições básicas para se realizar: a existência de uma elite intelectual imbuída de uma missão social; a expansão da educação elementar; a produção, em bases científicas e empíricas de um conhecimento da vida e dos reais problemas do Brasil de forma a assegurar a formação de uma consciência nacional; a construção de uma política cultural pelo Estado, cuja reorganização do seu aparelho era a garantia da consolidação de uma política de modernização do país. Dessa forma o dinamismo editorial da Nacional vai encontrar, no interior desse projeto nacionalista, um terreno fértil e favorável, e ambos acabam por fazer parte de um mesmo empreendimento. Naqueles anos 30/40, marcados pela presença de um vigoroso surto editorial e de uma grande expansão no mercado de livros, a Nacional vai ocupar um lugar de grande projeção. Afinal, ela, como nenhuma outra, soube elaborar um plano estratégico voltado para a formação de uma “cultura da leitura” como parte do empreendimento de constituição de uma cultura brasileira. Nesta linha, ela não só editou livros, difundindo materialmente uma nova concepção e um novo padrão para os mesmos, com implicações óbvias sobre a cultura da leitura no Brasil, como formou algumas comunidades de leitores, tendo definindo, ainda, através da Biblioteca Pedagógica e, sobretudo, da Brasileira, como veremos, um repertório de leituras e um cânone “nacional” de obras, seja na literatura, no ensaio, nas ciências, na pedagogia.

O lugar reservado à Coleção Brasileira no interior dessa dupla utopia de fundação - de uma tradição editorial e uma tradição cultural nacionalista - será uma das características do seu projeto editorial. Não por acaso, o primeiro livro lançado pela Companhia Editora Nacional foi **Meu Cativo entre os selvagens do Brasil, de Hans Staden**, em que um interesse por um relato, com fortes elementos etnográficos, relativo aos primeiros anos do Brasil colonial, é já um indicador claro da preocupação com a formação da nacionalidade brasileira, de cujo processo, inconcluso, a Nacional acredita poder participar e reorientar. Esta será sua utopia maior e seu espaço privilegiado será o da Coleção Brasileira.

Propaganda Editorial e Política Cultural na Difusão da Coleção Brasileira

A forma de organização da Coleção Brasileira³¹ é, em si mesma, um importante indicador da ambição da coleção em ser a maior obra de cultura nacionalista objetivando “descobrir o Brasil aos brasileiros, torná-lo cada vez mais conhecido para o fazer mais amado”.³² Os volumes publicados se distribuem entre as seguintes unidades temáticas: Antropologia e Demografia; Arqueologia e Pré-História; Biografia; Botânica e Zoologia; Cartas; Direito; Economia; Educação e Instrução; Ensaio; Etnologia; Filologia; Folclore; Geografia; Geologia, História; Medicina e Higiene; Política; Viagens. À vista dessa vasta pletora de temas contemplados pela coleção é que deve ser considerado, por exemplo, o comentário de Gustavo Capanema ao dizer que a Brasileira era “a imagem viva do Brasil”³³.

Este recorte é bastante sugestivo das ênfases da Coleção, bem como do esquadramento do Brasil por ela pretendido com vistas a municiar um padrão de conhecimento capaz de suportar um projeto de nação e de forma a propiciar um encontro do país consigo mesmo, bem como assentar as bases para a construção de uma identidade nacional. Dentro dos agrupamentos temáticos se distribuem autores ilustres da expressividade de Oliveira Viana, Nestor Duarte, Nina Rodrigues, Roquete Pinto, Alfredo Ellis Júnior, Aníbal Matos, Pandiá Calógeras, Luiz da Câmara Cascudo, João Dornas Filho, Lúcia Miguel Pereira, Otávio Tarquínio de Souza, Georges Raeders, Basílio de Magalhães Roberto Simonsen, Fernando de Azevedo, Afonso Arinos de Melo Franco, Tavares Bastos, Cândido de Mello Leitão, Vicente Licínio Cardoso, Manuel Bonfim, Pedro Calmon, Gilberto Freyre, Afrânio Peixoto, Alberto Torres, Azevedo Amaral, Charles F. Hart, Hildebrando Accioly, Augusto de Saint Hilaire, Couto de Magalhães, Luiz Agassiz, Richard F. Burton, Von Spix e Von Martius, Gastão Cruls, entre dezenas de outros. Seus textos deveriam permitir aos seus leitores um adequado conhecimento do Brasil: do passado, do território, do povo, da formação social, da língua, dos costumes e práticas culturais, da fauna, da flora, das riquezas, das instituições, dos homens públicos, dos problemas do desenvolvimento. Em 1937, apenas 06 anos, portanto, após o lançamento da Brasileira, 100 títulos da Coleção já haviam sido publicados. A obra de Robert Simonsen, “História Econômica do Brasil” foi o lançamento o

³¹ Sobre a concepção da Coleção Brasileira como uma “biblioteca” e uma “enciclopédia” ver DUTRA, Eliana de Freitas. A Nação nos Livros: A Biblioteca Ideal na Coleção Brasileira In: Política, Nação e Edição. O Lugar dos Impressos na Construção da Vida Política. **Atas de Colóquio**. (Prelo).

³² **Catálogo Brasileira Comemorativo dos 200 volumes.** Companhia Editora Nacional, 1941.

³³ Idem. Ver também: **Documento Manuscrito**. Arquivo Coleção Brasileira. IBEP

número 100 da Coleção, que se iniciou em 1931 com a obra “Figuras do Império” de Antônio Batista.

Considerada obra nacionalista e de cultura nacional a *Brasiliana* foi um dos carros-chefe da Biblioteca Pedagógica. Como todas as séries da Biblioteca Pedagógica e demais coleções da Nacional, a *Brasiliana* foi objeto de igual atenção da Companhia no tocante à sua divulgação. A preocupação e o cuidado com a propaganda levaram a editora a práticas que passavam pela impressão de uma centena de títulos a mais de cada obra, destinadas à distribuição, para efeito de divulgação³⁴; pelos anúncios em vários jornais e revistas do país e, sobretudo, no Estado de São Paulo, nos quais foram gastos muitos contos de réis ao ano³⁵; pela utilização de programas de rádio-difusão³⁶; pelas promoções especiais como a de venda dos livros da *Brasiliana* em prestações mensais³⁷.

Em 1941, quando a Coleção *Brasiliana* comemora o lançamento do seu ducentésimo título, a Companhia Editora Nacional elabora uma minuciosa estratégia de divulgação da Coleção em três documentos complementares: um Plano de Propaganda, um Plano de Comemoração; uma Lista de Indicações para envio do Catálogo³⁸. Cada um deles aprofundava um pouco mais a estratégia concebida, tornando visível a envergadura do empreendimento editorial da Coleção, a rede intelectual na qual está inserida; seus interlocutores privilegiados; os vínculos político-institucionais buscados; a legitimação pretendida; os leitores escolhidos.

Assim é que o plano de propaganda previa a edição de um novo catálogo, o qual deveria vir acompanhado de uma nota bibliográfica e de pareceres sobre a Coleção, e a leitura, em estações de rádio, de pequenos trechos das opiniões mais autorizadas sobre a *Brasiliana*, emitidas nesses pareceres. Também foi planejada a expedição de 1000 circulares sobre a *Brasiliana* às principais instituições de cultura e de educação do Brasil, usando como texto base o da introdução do novo catálogo. Aqui é interessante ressaltar que o documento de propaganda inclui a observação de que as circulares deveriam ser enviadas, “inclusive às escolas militares, comandos de regiões e quartéis”, o que denota um cuidado em não se indispor com os militares, e seu poder de força nas hostes do Estado Novo. Também foram previstos anúncios e a publicação de trechos expressivos sobre a *Brasiliana* na imprensa diária, sobretudo nos principais jornais do Rio, nesse caso são mencionados o *Jornal do*

³⁴ Conforme **Recibo de Direitos Autorais**. Companhia Editora Nacional, 31/05/1938 Relativo ao volume 125 da série *Brasiliana*. Arquivo João Dornas Filho. Belo Horizonte. APM

³⁵ Conforme **Livro de Caixa da Companhia Editora Nacional. Gastos com Propaganda. 1931-1935**

³⁶ Idem

³⁷ Conforme **Catálogo *Brasiliana* Comemorativo do volume 200**. op. cit. S/D. A utilização desse recurso pode ser amplamente comprovada analisando-se os periódicos da época e o material publicitário produzido pela própria Nacional, a exemplo dos catálogos, etc

³⁸ **Documentos Manuscritos e Datilografados**. Arquivo da Companhia Editora Nacional/IBEP,

Comércio, o Jornal do Brasil, o Correio da Manhã e, em São Paulo, preferencialmente, no Jornal Estado de São Paulo, no Diário de São Paulo, na Folha da Noite e na Gazeta.

Outro aspecto do plano enfatizava a organização de vitrines especiais nas várias livrarias da capital, São Paulo, e em todas as casas da Companhia Editora Nacional nas cidades de Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Estas vitrines deveriam ser “artisticamente organizadas”, com a exposição da Brasileira completa, encadernada e em brochura. Para isso a Nacional decidiu encadernar e distribuir em torno de 50 coleções, acompanhadas de cartazes com a lista de todas as obras já publicadas na Brasileira.

Tamanho empenho propagandístico não iria deixar de lado um dos instrumentos de comunicação mais fascinantes em ascensão na cultura urbana da época: o cinema. A Editora previu a realização de um filme falado, sobre a Companhia. Segundo ela um filme “como o da Gazeta e o mais recente sobre o Estado de São Paulo”, o qual deveria focalizar “o edifício, o trabalho, os aspectos dos escritórios, o armazém, e as principais edições da Companhia.”³⁹

Ao final o documento traz uma nota em que diz que seria interessante promover um entendimento: com a Hora do Brasil, de forma a incluir nesse programa referências à Brasileira, e o fato dessa ter alcançado seu décimo ano de existência e seu 200º volume; com os jornais das capitais, para se ocuparem do assunto; e uma visita da imprensa às novas instalações da Companhia.

Essa preocupação com a dupla efeméride esteve na origem também do plano de comemorações traçado pela Nacional. Um dos pontos importantes desse plano foi o envio de circulares a pessoas de “responsabilidade e posição” na vida pública brasileira solicitando-lhes um parecer sobre a Coleção Brasileira. Nomes como os de Afonso Escragnonne Taunay; Rodolfo Garcia; Teodoro Sampaio; Alfredo Ellis Júnior; Ian de Almeida Prado; Luís Camilo de Oliveira Pena; Gilberto Freyre; Lúcia Miguel Pereira; Pedro Calmon; Jonatas Serrano; Plínio Barreto; Anísio Teixeira; Afrânio Peixoto; Oliveira Vianna; Batista pereira; Roberto Simonsen; Mário Casassanta; Basílio de Magalhães, Carlos Sussekind de Mendonça; Prado Maia, entre dezenas de outros são lembrados para receber a circular e respondem com um volume de pareceres que ultrapassam a casa dos cem (100), e que dão bem não só a medida da recepção da Brasileira nos meios intelectual, científico e político no Brasil dos anos 40, como do prestígio da coleção e do raio de atuação da Nacional.

Ao lado da solicitação dos pareceres o plano demonstra bem como a Nacional também investiu na divulgação de notícias sobre a Brasileira, dando conta de sua organização e seus fins nos círculos de especialistas em História, Geografia e, em geral, no público intelectual

³⁹ Não conseguimos confirmar ainda a realização desse filme.

brasileiro. Outra decisão importante da editora foi a de divulgação ampla e compacta da Coleção através de uma semana de notícias da Brasiliana por todos os canais de comunicação disponíveis à época: jornais, revistas, rádio, com irradiações nas principais estações de rádio; e por todos os cinemas, com pequenas notícias sobre a coleção nas sessões diárias habituais.

Tão importante quanto o público de especialistas e os meios letrados, cultivados, são os círculos oficiais do poder, integrado pela Câmara Federal, os poderes legislativos estaduais. Quanto a esses, o plano de comemorações previa discursos que salientassem a importância e o alcance da iniciativa da Coleção, não se esquecendo de indicar os contatos da Companhia que se incumbiriam da tarefa: caso de Pedro Calmon, na Câmara Federal, de Paulo Duarte e Alfredo Ellis no Legislativo paulista, e, segundo o documento “e assim por diante”, o que sugere claramente a posse de outros contatos nos Estados. Aliás, a Nacional não descuidou no seu plano de comemorações da propaganda junto aos governos dos Estados, Câmaras Legislativas dos Estados, câmaras Municipais, Escolas Superiores, Escolas Normais, Institutos Histórico e Geográfico do país para a aquisição da Brasiliana.

Com o fim de ampliar a venda da Coleção decidiu-se também pelo envio de uma circular, devidamente acompanhada do catálogo especial da Coleção, à diretores, professores de escolas Superiores, Normais e Secundárias, e à diretores de redação dos principais jornais, convidando-os para visitarem e examinarem nos armazéns da Companhia Editora Nacional ou nas livrarias, nas quais estivessem expostas as coleções encadernadas da série Brasiliana da Biblioteca Pedagógica.

Finalizando os preparativos para a comemoração dos dez anos da Coleção e do lançamento do seu 200º volume, a Nacional organizou uma lista para o envio do seu novo catálogo, a qual é encabeçada pelo presidente da República, Getúlio Vargas, e seus respectivos ministros de Estado; os governadores e as secretárias dos estados; as regiões militares (“comandantes, chefes, e oficiais dos Estados Maiores”, bem como os comandantes das “unidades da Marinha e Guerra”); os embaixadores, ministros e cônsules do Brasil, através dos contatos de Renato Mendonça e Sabóia de Medeiros; e por fim a Biblioteca Nacional, as Universidades do Brasil, do Distrito Federal, de São Paulo, de Minas Gérias, de Porto Alegre, na pessoa dos seus reitores, diretores de institutos universitários, professores e bibliotecas; os diretores de ensino do Distrito Federal e de todos os estados do Brasil; as escolas normais, os ginásios oficiais e reconhecidos; os Institutos Histórico Geográficos; os principais jornais dos Estados, e as principais revistas literárias, científicas e técnicas, incluindo as academias de letras e as revistas militares, Defesa Nacional, Revista Militar Brasileira, A Vida Militar.

Do exame desse conjunto emerge, de um lado, um controle gerencial e comercial minucioso do empreendimento editorial Coleção Brasileira, o qual já respondia, antes da efeméride, pelo sucesso da Coleção que, quando comemora dez anos podia contabilizar para todos os títulos lançados entre 1931-1941, pelo menos duas edições para cada um. De outro, o desenho do público preferencial da Coleção; os vínculos buscados pela editora com o Estado e as demais instâncias do poder oficial no Brasil, na certeza de uma mesma afinidade política; a importância que a Nacional atribuía à recepção da Brasileira nas instâncias oficiais do Estado; a expectativa da Companhia Editora Nacional na circulação da Coleção nos meios educacionais, de forma a assegurar seu papel pedagógico; a certeza do apoio da intelectualidade, a quem prestigiava assegurando espaços para a publicação dos seus textos.

A iniciativa e o plano de edição da Coleção Brasileira, pela Companhia Editora Nacional, contemplaram aspectos importantes em pauta desde os anos 20, dentre eles, a presença de um editor, embuido de um espírito missionário, disposto a mudar a situação dos autores; a incrementar a leitura, o conhecimento do país e de sua história; a definição de um amplo canal de divulgação do debate intelectual sobre os rumos nacionais; a profissionalização e especialização dos campos intelectual e do conhecimento. Mas, sobretudo, a ação da Nacional, por mais profissional que ela fosse, assegurou, de forma inequívoca, o vínculo entre a política editorial da Companhia, o nacionalismo cultural e o reformismo pedagógico.

O projeto intelectual e político da Coleção vai ser saudado em amplos setores da intelectualidade dos anos 30-40, à exemplo de Frota Pessoa⁴⁰, pelo fato de estar ancorado no par ensino e cultura nacional. Este autor, manifestando-se sobre a Brasileira destaca a amplitude da Coleção, capaz de atingir a todos os setores da educação; seu alcance social, ao estimular as elites, ao dar publicidade a inúmeros escritores novos, que não teriam oportunidade aparecer se não fosse a Brasileira; a despertar a curiosidade e o interesse do que é nosso nos autodidatas. Esta perspectiva educativa é uma unanimidade nos comentaristas, seja numa perspectiva de maior democratização da educação e da cultura, seja numa perspectiva mais restrita e elitista. Assim, o biólogo Mello Leitão avaliou a importância da Coleção Brasileira pelo fato dela propiciar ao leitor o acesso, antes impossível de “novas traduções de obras preciosas de nossos antigos visitantes, reedições de livros esgotados que todos ansiavam por ler e já se tornavam escassos nas bibliotecas, as vulgarizações e as raridades bibliográficas

⁴⁰ Frota Pessoa. **Documento Manuscrito**. Arquivo Coleção Brasileira. IBEP

muito acima da posse da média dos leitores comuns.”⁴¹ Outra é a postura de Azevedo Amaral que diz;

[...] a principal dificuldade que tem embaraçado o progresso político, econômico e cultural do Brasil, consiste na ignorância generalizada da realidade brasileira. Talvez nenhum povo desconheça tanto o meio físico que habita, a história de sua formação nacional e os próprios fatos da existência atual como o brasileiro. Tudo o que se fizer **para esclarecer as nossas elites** sobre esses pontos essenciais é o maior serviço cultural que se pode prestar à nação. A companhia Editora nacional com a Brasileira [...] está realizando um empreendimento cultural”⁴²

A oscilação entre esses dois pólos será a marca da política cultural do Estado Novo, a qual se assentou no pressuposto de que a pedagogia e a política não se separam, e que a política é obra da educação, que prepara as transformações sociais⁴³. A elaboração do projeto da Biblioteca Pedagógica, e a criação da Coleção Brasileira, e antecipam e servem de modelo para a criação de algumas políticas do Estado Novo, a exemplo do Instituto Nacional do Livro, INL, de 1937, e do Projeto, ainda que não realizado, no interior do INL da Enciclopédia Brasileira, ambos no âmbito do Ministério da Saúde e Educação. Na realidade, todos esses projetos, sejam no âmbito da iniciativa privada ou no âmbito do Estado, apenas confirmam a existência de uma pauta de reforma no interior da sociedade, em particular das nossas elites, pela qual o livro foi um importante suporte material de uma pedagogia da nacionalidade.

Belo Horizonte, novembro de 2004

⁴¹ Cândido de Mello Leitão. **Documento Manuscrito**. Arquivo Coleção Brasileira. IBEP

⁴² Azevedo Amaral. **Documento Manuscrito**. Arquivo Coleção Brasileira. IBEP

⁴³ Ver **Plano de Divulgação de Obras do Instituto Nacional do Livro**. Rio de Janeiro, julho de 1938. Arquivo Gustavo Capanema. CPDOC.FG, p. 1